

Universidade de São Paulo
Faculdade de Educação
Pedagogia - Período Vespertino

Resenha do texto “A Afetividade e A Construção do Sujeito na Psicogenética de Wallon” de Heloysa Dantas

O estudo de Wallon é original por seu olhar direcionado à teoria da emoção. Área bastante negligenciada por apresentar caráter confuso e paradoxal.

Para estudar este campo tão ambíguo e complexo que é a psicologia humana, Wallon serve-se da dialética e da genética. A primeira por estar aberta a um campo amplo de significações e acontecimentos, considerando cada fato em si mesmo. E a segunda, para dar conta de suas mudanças funcionais, isto por que, a emoção depende de centros subcorticais, de natureza involuntária, e com a maturação cortical, é passível de controle voluntário.

Neste ponto vale lembrar que a área subcortical, responsável pela emoção, apresenta três fatores em sua composição: central, química; periférica, mecânico-muscular e representacional, abstrata. Por isso Wallon enfatiza que para compreender a vida emocional é importante analisar os aspectos fisiológicos, alterações viscerais e metabólicas.

No primeiro ano de vida o indivíduo é impulsivo-emocional. Isto quer dizer que sua afetividade é manifestada fisiologicamente, o choro é um exemplo. Esta é a forma mais arcaica e também o primeiro vínculo deste indivíduo com o outro. Isto por que essas manifestações somáticas tem forte ação contagiosa, resultando na solidária participação do outro, neste caso seria a mãe ou pai. Este vínculo supre a deficiência cognitiva e é a ponte para o universo simbólico, garantindo o acesso à cultura.

A autora irá tratar sobre o “diálogo tônico”, isto a partir da emoção ser visível – atividade proprioplástica – e nós seres emotivos suscetíveis ao contágio de sua manifestação, há uma comunicação primitiva e forte. Primitiva, pois, resistir a ela é uma forma de corticalizá-la, de maneira a reverter tal processo.

O enfoque na emoção reduz a eficácia do desenvolvimento cognitivo, por isso ela é considerada *regressiva*. “(...) ela tende a surgir nas situações para as quais não se tem recursos, nas circunstâncias novas e difíceis.” (p. 88). Isto é denominado de “circuito perverso”: a emoção surge nos momentos mais difíceis na vida, e em vez de facilitar, dificulta ainda mais o processo. Na medida em que a capacidade cortical é mais bem desenvolvida a

carga emocional diminui, sem nunca anular-se completamente. Para Wallon não existe estado não emocional.

Ao desenrolar sobre afetividade e inteligência, Wallon irá sempre tratar de sua ampla interdependência, sendo que há momentos que o indivíduo é predominantemente afetivo ou predominantemente cognitivo, sempre de maneira integrada. Cabe dizer que todas as aquisições feitas em momentos e dimensões anteriores serão incorporadas.

Por isso a afetividade irá ganhar ao decorrer da ontogênese contornos diferenciada. Numa primeira fase, primitiva de manifestações somáticas – afetividade emocional ou tônica; numa segunda fase simbólica, com a incorporação da linguagem e seus mecanismos comunicativos; e numa terceira fase, na qual a razão está presente nas relações afetivas – afetividade categorial.

Na primeira fase, a criança depende inteiramente do outro. Para Wallon, o ser humano é "geneticamente social" - necessita do outro para "subsistir e se construir enquanto ser da mesma espécie". (p. 92) É curioso que para a criança, o outro ainda está tão ligado que muitas vezes, confunde-o com ela e vice-versa. Por este motivo, entre os dois e três anos, a criança utiliza a terceira pessoa do singular para se referir a ela mesma. Além disso, o amigo imaginário é comum na infância pelo fato da criança ainda não ter constituído o “Eu” e o “outro” de maneira clara. Entretanto, se este “outro fantasma” persiste na fase adulta é considerada como patologia.

A mediação social tem a função de dar significado aos movimentos da criança. Está na base do desenvolvimento. Por exemplo, o bebê mexe seus braços e pernas no berço. Quando as pessoas em seu redor percebem que a sua posição é desconfortável, mudam a posição do bebê. Este não realiza movimentos tendo como a finalidade avisar que sua posição está incômoda. Pode até se mexer por estar incômodo, mas não sabe que sua ação possui um significado para quem o está observando.

No período sensório-motor e projetivo, os gestos, que antes eram feitos pelo bebê sem a intenção real de comunicação (mesmo que interpretados pelos pais), passam a realizar gestos com intenção de comunicação. A ideia passa a preceder o gesto. Este processo de aproximação entre o sensório-motor e simbólico é denominado por Wallon como “ideomovimento”. A evolução psicomotora tem por objetivo à economia. Para isso, a criança que antes fazia inúmeros movimentos para se chegar a uma ação, passa a refletir sobre esta para que possa fazer menos esforço físico. Em pouco tempo, os movimentos *impulsivos* tornam-se movimentos *expressivos*. A criança passa a se comunicar através dos gestos.

Outro fato interessante destacado por Wallon é de que, ao mostrar desenvolvimento *cognitivo*, a criança terá respostas *afetivas* dos seus espectadores. A afetividade e cognitivismo estão intimamente ligados. Um nutre o outro. A reação do outro é de extrema importância nesta fase da vida. Ao começar a andar, a criança manifesta interesse em conhecer o mundo que a rodeia.

“A construção do Eu é um processo condenado ao inacabamento: persistirá sempre, dentro de cada um, o que Wallon chama de ‘fantasma do outro’, de sub-eu (*sous-moi*).” (p.95). Este drama ocorre predominantemente no período de quatro a seis anos de idade. É nele que a criança manifestará certa rebeldia, negativismo, sedução e depois imitação do outro. Isto ocorre porque até então estava tão fisicamente e psiquicamente ligada ao outro que, ao perceber a importância de constituir o “Eu”, passa da “(...) rebeldia e o negativismo em estado quase puro, à sedução do outro e depois à sua imitação” (p.95). É a época em que a criança responde não a tudo. “Você quer fazer isto?” “Não”. “Você gosta daquilo?” “Não”. Entra em uma crise personalista: precisa expulsar o outro (mas nunca consegue tirá-lo inteiramente de si) para se constituir. A criança se afirma negando o outro e ao mesmo tempo o admirando. É um processo de imitação e afirmação. A menina, por exemplo, passa a querer se vestir como mulher, para ter várias experiências em sua constituição. A criança brinca de “faz de conta”, porque tem a possibilidade de assumir vários papéis e ir percebendo, aos poucos, qual é o seu.

O ser humano passa por uma segunda crise construtiva na adolescência, denominada pela autora de “explosão pubertária”. O adolescente deve se acostumar com seu novo corpo. Além do corpo, o adolescente sofre outras mudanças. A afetividade priorizada neste momento é aquela que engloba a *função categorial*. Esta consiste na presença da razão nas relações afetivas, ou seja, o que rege o ser humano neste momento não é a emoção pura como no bebê, mas algumas categorias que impõe nas relações: o respeito recíproco, igualdade de direitos. Muitas vezes nesta idade, pais e filhos não se entendem: a linguagem afetiva dos pais não corresponde àquelas desejadas pelo adolescente, entendidas por este como desamor.

Wallon explica que o adolescente necessita de descobrir o seu lugar no mundo: suas dimensões ideológicas, religiosas, políticas, etc. Portanto, o “(...) interesse do jovem estará longe de ser impessoal e abstrato: ele será, pelo contrário, um caso pessoal, passional mesmo, onde a grande questão é descobrir de que lado ele estará.” (p. 96). Outro fato que podemos concluir, não apenas na leitura deste texto, mas na teoria walloniana, é de que emoções como a ansiedade e cólera alteram o funcionamento do tônus (grau de contração mínima permanente do músculo*), gerando mais tônus. Se não for permitido o escoamento do tônus, a concentração do indivíduo se tornará penosa. É neste assunto que percebemos a grande

contribuição de Wallon: sua teoria não se resume a dois conjuntos, mas a quatro: afetividade, motor, cognitivo e pessoa. Portanto, na teoria walloniana, o movimento é extremamente necessário para o desenvolvimento. É este um dos fatores que explica o porquê de um grande número de adolescentes hoje em dia entrar em crises de ansiedade: as escolas não se preocupam com o desenvolvimento físico e artístico.

De forma bem resumida e abordando apenas alguns aspectos da teoria walloniana, esperamos ter mostrado a forte importância, dada por este grande estudioso, da afetividade no desenvolvimento do ser humano. Muitos pensam que a teoria de Emoção de Wallon aplica-se na educação de forma “fofinha”: a professora deve ser extremamente amorosa, afetiva. Mas a importância desta teoria não está relacionada a este fato. Ela abre os nossos olhos para que entendamos os diferentes estados da afetividade nas diferentes idades. Ensina-nos a importância dela existir e a relevância de saber lidar com ela. Se o professor conhece as fases que Wallon determina, evita reproduzir erros de julgamentos como os que ocorrem hoje: “esta criança birrenta só diz não!”. A teoria da emoção continua sendo de extrema relevância atualmente.

O processo de desenvolvimento não ocorre de forma linear, mas por meio de processos dialéticos e conflitos. A beleza desta teoria consiste no fim deste desenvolvimento: “O produto último da elaboração de uma inteligência, concreta, pessoal, corporificada em alguém, é uma pessoa. A construção da pessoa é uma autoconstrução” (p.96). A construção do “Eu” não é fácil. É tão frágil como uma bolha de sabão, sujeita a simbioses afetivas, emoções pessoais ou um mero cansaço. É um desenvolvimento que requer a constante relação de integração e diferenciação: o homem deve criar um “Eu” que se integre a sociedade e ao mesmo tempo um ser que se diferencie processo que necessita extrema inteligência. É um processo social, o qual construímos com o outro, que possui papel fundamental nas relações tanto afetivas quanto cognitivas. E assim como Darwin diz que as espécies possuem aptidões que permitem a sobrevivência ao meio, Wallon explica que nossa aptidão diferenciada é a da afetividade.

Bibliografia

*Trocoli, T. Tonus muscular. Disponível em:
<http://tathianatrocoli.wordpress.com/2009/05/28/tonus-muscular/>

DANTAS, H. A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. In: LA TAILLE, Y; OLIVEIRA, M. K.; DANTAS, H. *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, p. 85-98, 1992.

Nomes: Adriana Nogueira Menezes, Larissa Costa dos Santos, Thauany de Souza Gonçalves.